Complexidade dos Fatos Históricos (*)

Luiz Teixeira Barros

A primeira dificuldade que depara quem aborda problemas e temas históricos é, sem dúvida alguma, a sua complexidade. Em qualquer fato ou personalidade temos a perlustrar uma série enorme de elementos causais, próximos ou remotos, que, intercalados a um quadro social, político ou econômico, complicam muito os estudos e análises. Verifica-se que é impossível se esgotar a realidade. E, por mais que nos aprofundemos, nem toda uma vida seria suficiente para abrangê-los em todos os seus aspectos e modalidades.

A História é a própria vida do homem, agindo sobre um determinado espaço geográfico, desde os tempos mais remotos. E, por maior que seja a nossa perspicácia, é impossível ter conhecimento pleno e absoluto de qualquer assunto. Nunca se pode afirmar que não mais iremos precisar de estudos e pesquisas, porque atingimos a perfeição.

São tão vacilantes os conhecimentos humanos que, no domínio da pesquisa, por exemplo, isto é, da busca exaustiva de dados e elementos para estruturar qualquer assunto, muitas vezes, chegamos a inesperadas conclusões. É mais comum do que se pensa iniciarmos um estudo com certas idéias e modificá-las, à proporção que vamos nos aprofundando.

Há muitos exemplos significativos nesse sentido.

Fréderico Adam Woods, o célebre cientista americano, decidiu proceder um exaustivo estudo sobre a consangüinidade e degenerescência das famílias reais na Europa. Fez inúmeras pesquisas. Mas as conclusões que tirou e que foram apre-

(*) (Conferência pronunciada no Instituto do Ceará, em Fortaleza, em sua sede social, no dia 20 de novembro de 1987).

sentadas no seu livro *Mental and Moral Heredity in Royalty*, sairam completamente opostas às que serviram de base ao seu trabalho, com enorme surpresa sua. Os estudos aprofundados que empreendeu levaram-no a outras conclusões. Estabeleceu, em termos científicos, que o casamento freqüente entre pessoas, embora parentes, não são índice de taras e degenerescências, tudo dependendo do estado de saúde dos cônjuges. E isso, ainda hoje, é confirmado pela ciência.

Outro exemplo curioso, que se nos depara, é a biografia de João Fernandes Vieira, do eminente historiador José Antônio Gonsalves de Melo. No prefácio desse livro confessa o notável escritor que iniciou esse estudo com um certo mal-estar, por não simpatizar com o célebre português, natural da Ilha da Madeira, que, tanta projeção teve, na época do domínio holandês em Pernambuco. Mas, à proporção que aprofundava estudos e pesquisas, teve que chegar a outras conclusões.

Para mim, parece certo que a mais notável personalidade do Brasil-colonial foi João Fernandes Vieira. E, fato curioso, certa vez impetrou ao governo de Portugal o título de Conde do Ceará, que lhe foi negado.

II — *O Perigo das Denominações*

Infelizmente, há palavras que se prestam a muitos sentidos. Euclides da Cunha, no seu famoso discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, onde foi saudado por Sílvio Romero, satirizou, fortemente, os erros e desvios doutrinários que tanto afetaram a sua geração. E afirmou que havia palavras sem sentido ou capazes de ter todos os sentidos...

Como tinha razão o inesquecível escritor!

Atualmente, parece que estamos vivendo uma época de rótulos, de etiquetas, de esquemas e slogans, tão falhos como arbitrários.

Já, no meu tempo de estudante correu mundo a célebre frase: quem não é comunista, é integralista, e quem não é integralista, é comunista.

Hoje, por exemplo, as palavras elite e elitismo têm um significado tão pejorativo como perigoso. Lembram, mais do que se pode pensar, com a etiqueta de fascista, aplicada, a granel, durante os perigosos dias da 2ª Guerra Mundial. E, que, por si só, era suficiente para inutilizar qualquer cidadão, que fosse mimoseado com tal palavra...

Outra expressão perigosa, nessa época tão confusa e amargurada, é a de se atribuir a qualquer pessoa se achar vinculada ou ligada a interesses da classe dominante. Embora não venha acompanhada de qualquer prova, boa ou má, é prejudicial, em todos os sentidos, tal afirmativa.

O sr. Leóncio Basbaum, já falecido, na sua discutida *História Sincera da República* fez, entre outras, esta espantosa afirmativa: "Dentre esses historiógrafos mais arraigados às convicções e ao ponto de vista das classes dominantes, devemos destacar, particularmente, Oliveira Viana, Pedro Calmon e Gilberto Freyre.

"A propósito desse último, disse com muita propriedade Joaquim Ribeiro (7): "O erro fundamental de Gilberto Freyre foi ter observado esse ambiente social do ângulo da *classe dominante* (grifo do próprio autor) (a classe dos senhores de engenho), sem dúvida, trazendo na sua herança de branco a tradição romântica, européia, patriarcal, acrescida de resquícios do patriarcalismo bíblico, cristão, semítico". (1)

E acrescenta ainda mais: "A classe que deve reexaminar e escrever a História do Brasil é, sem dúvida, o proletariado. É verdade que o proletariado como classe só muito recentemente penetrou em nossa história. Mas ele é o descendente direto — físico e espiritual — de toda uma série de gerações espoliadas, provindas da escravidão e da vida miserável das favelas — uma longa geração de homens sem letras e sem instrumentos de trabalho — que a miséria dos campos atiraram para dentro das fábricas. E sua única herança foi o desejo de libertar-se e libertar consigo toda a sociedade. Marx, descobrindo as leis fundamentais do desenvolvimento das sociedades, colocou nas mãos do proletariado, e, portanto, NAS MÃOS DA SOCIEDADE INTEIRA, uma doutrina que não somente lhe permite compreender o passado, mas também desvendar o futuro: — o *materialismo histórico ou as bases materialistas da História*". (2)

Tão estarrecedores conceitos merecem alguns comentários.

Em primeiro lugar, é lamentável que, na primeira citação, o escritor pernambucano invista, desabridamente, contra Oliveira Viana, Pedro Calmon e Gilberto Freyre.

Depois faça uma arbitrária e anticientífica divisão de todos os homens em bons e maus, sendo os primeiros os defensores das classes dominantes e os outros os verdadeiros

amigos do povo, os democratas, os sinceros, os puros, os intocáveis.

Foi Oliveira Viana, agora rotulado de arraigado às convicções e ao ponto de vista das classes dominantes, o escritor que, entre outras, fez as seguintes observações: "Eram os partidos políticos agregados de clãs destinados a explorar em comum as vantagens do poder", definição essa que, inda hoje, guarda a mais invejável atualidade... Além disso, em livros notáveis como *O Idealismo da Constituição* e *Problemas de Política Objetiva,* fora outros, fez veementes censuras, em todos os tons, ao evidente artificialismo da Constituição do Brasil de 24 de fevereiro de 1891, sugerindo amplas reformas em todo o seu conteúdo.

Não resta dúvida que esse é um excelente método de defender as classes dominantes, ao qual me associo, prazerosamente. E creio que comigo todos os nossos ilustres confrades...

Mas os erros e deturpações do pensamento do notável autor de *O Ocaso do Império* não ficam por aí. Vão muito além. Recentemente, o Sr. Evaristo de Morais Filho, em prefácio a um livro de Sílvio Romero, afirmou, doutoralmente: "Chamou-se Francisco José Oliveira Viana o seu legítimo, imediato e confessado herdeiro". (3)

Não pode haver comparação mais estapafúrdia.

E, absolutamente, não retiro tal expressão.

Sílvio Romero era apaixonado, desabusado, violentíssimo em ataques. Mudou de opinião diversas vezes. Foi positivista e depois desancou o positivismo. "A 11 de outubro (de 1894), no auge do entusiasmo, marchou com o povo de Aracaju e depõe o Capitão José Calasans, governador em exercício". (4)

Oliveira Viana tinha não só temperamento, como formação cultural, muito diferente da de Sílvio Romero, como era natural que assim fosse. Era simples, calmo, sereno e ponderado, completamente afastado da política partidária. Chegou mesmo a confessar que somente depois da revolução de 1930, foi que tirou título de eleitor. Era, exatamente, o oposto do temperamente violento e atrabiliário de Sílvio Romero, que, em 1880, afirmou que a literatura, no Rio de Janeiro, apresentava 3 rematados idiotas: Machado de Assís, Visconde de Taunay e Carlos de Laet, que, em réplica, lhe passou formidável descompostura. E, em 1909, já no período da velhice, es-

creveu virulento panfleto intitulado *Zeverssimações ineptas da crítica*.

Jamais se poderia imaginar Oliveira Viana tomando parte em movimentos revolucionários, depondo presidentes de estado e mimoseando adversários ocasionais utilizando os edificantes epítetos de idiotas, ineptos e outros que tais...

Quanto a Gilberto Freyre cumpre observar que foi o primeiro ou um dos primeiros a penetrar no então mundo proibido da escravidão negra no Brasil.

Introduziu métodos novos na apreciação do célebre problema. Mostrou aspectos bons e maus do patriarcalismo rural e urbano, demonstrando possuir larga cultura científica. E livros como *Casa Grande e Senzala* e *Sobrados e Mocambos,* além de outros, podem sofrer críticas e restrições, o que é natural em qualquer obra humana. Mas, nunca o absurdo e esdrúxulo pensamento de se achar vinculado a interesses dos escravocratas, o que constitui pura heresia. Tanto mais que não se apresenta nenhuma prova, boa ou má, na defesa de semelhante ponto de vista. Tudo isso, afinal, se resume em generalidades perigosas e apriorismos insensatos...

Em relação a Pedro Calmon, também, não sei em que se baseou o escritor pernambucano Leôncio Basbaum para afirmar que era autor vinculado a interesses de classes dominantes. Se é pelo fato de o ilustre escritor ter publicado biografias de D. João VI, Pedro I e Pedro II, isso nunca foi crime. O que se devia fazer era examinar os seus trabalhos e demonstrar que fossem maus, deficientes, incompletos e falhos. Mas nunca se censurar o eminente historiador só pelo fato de não ter sido proletário.

A esdrúxula e absurda opinião de que, somente, quem for proletário tem condições de escrever sobre vultos e fatos da História do Brasil, é um absurdo. E lembra, muito mais do que se pode pensar, o que ocorreu na Itália, no início da vitória fascista. Dizia-se, então: "Vamos escrever a História como fascistas". Ou seja, se achar que os fatos históricos é que se deviam submeter às regras e ditames do fascismo e não o fascismo às normas e critérios da História. Ora, o mesmo se poderá dizer de uma história exclusivamente feita por massas populares.

Uma história escrita sob as inspirações ou preconceitos de uma classe qualquer, seja nobre, burguesa ou proletária, será a mais antipática de todas. Irá formar um conhecimento deformado, unilateral, defesa de interesses e paixões de um

grupo, história-panfleto, e nunca uma apreciação serena e objetiva de fatos, instituições e pessoas, visando sempre proclamar a verdade. O que deve ser o fim de todo e qualquer trabalho histórico, digno desse nome.

Além disso, cumpre observar que nenhuma nação do mundo, até hoje, foi constituída por obra exclusiva de elites ou de massas populares. É da conjugação de todos, sejam nobres, burgueses ou plebeus, que se têm fundado e constituído povos e nações. O Brasil, por exemplo, é um produto do esforço de missionários, bandeirantes, fazendeiros, criadores, mineradores, índios, negros escravos, mamelucos, mulatos, cafusos, proletários, como pode demonstrar a mais elementar inquirição. Não há nenhuma história aristocrática ou proletária. Tanto merece censura um como outro ponto de vista, ambos primado pelo unilaterismo, que é a morte de toda a História.

Outro erro funesto, atualmente muito divulgado, é que a sociedade brasileira, desde os tempos coloniais, constituiu-se sempre de uma classe, hermeticamente fechada, sempre agindo em proveito de uma chamada classe dominante que, no caso, era a raça branca.

A história sempre desmentiu semelhante assertiva.

Há um livro publicado, em 1711, com o pseudônimo de Antonil, de João Antônio Andreoni (1650-1716), intitulado *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas,* em que se revela um dos mais argutos escritores do Brasil-colonial. Nesse trabalho notável há essa afirmativa: "O Brasil é o inferno dos negros, o purgatório dos brancos e o paraíso dos mulatos".

Antes desse renomado autor, já Gregório de Matos, o célebre poeta satírico, natural da Bahia, alcunhado de "a boca do inferno", (1633-1696), já assinalava esse mesmo fato, em outras palavras, com estes picantes versos:

"Terra tão grosseira e crassa
Que a ninguém tem respeito,
Salvo se tem algum jeito
De ser mulato." (5)

Mariano José Pereira da Fonseca, Marquês de Maricá, (1773-1848), célebre autor do livro *Máximas, Pensamentos e Reflexões,* por sua vez, comentava: "Nosso 1º Imperador foi

deposto porque não era nato e o 2º há de ser porque não é mulato."

Desse modo confluem, em uma mesma direção, o pensamento do célebre escritor do tempo da colônia, os versos do irreverente poeta baiano e as máximas do grande pensador em fulminar a balela do preconceito de raças no Brasil.

Mas, isso ainda não basta.

Machado de Assís, inequivocamente, o maior ou um dos nossos maiores escritores, foi mulato, moleque de morro, alto funcionário na administração pública e presidente da Academia Brasileira de Letras. Luiz Gama, vendido como escravo pelo seu próprio pai, tornou-se advogado de renome em S. Paulo, jornalista e poeta satírico. O General Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa, herói da Guerra do Paraguai, foi aprendiz de alfaiate em Viçosa do Ceará, sua terra natal. José do Patrocínio e Cruz e Sousa, negros puros, tiveram grande relevo, um na história política e outro na literária do Brasil. Manoel Vitorino Pereira, filho de um carpinteiro, na cidade de Salvador, foi Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia e o 1º Vice-Presidente civil da República, no quatriênio de Prudente de Morais. E nunca renegou a sua humilde origem, confessando, orgulhosamente, que, em sua meninice, fora carpinteiro.

No Ceará, Justiniano de Serpa e Menezes Pimentel tiveram origem humilde, chegando ambos a dirigir os destinos de nosso Estado. E todo mundo sabe que não eram arianos puros...

Eis a que se reduz a variada teoria sociológica e histórica que proclama, que, no Brasil, a chamada classe dominante sempre foi opressora dos humildes, fechada. E que nunca permitiu a ascensão social de quem tivesse mérito, capacidade ou competência.

III — Algumas regras esquecidas

Já se tentou provar como a História é rica, complexa e variada.

Doutrina o eminente crítico Afrânio Coutinho: "Uma história não se pode prestar ao luxo de que a história tem dois olhos: a geografia e a cronologia, sendo impossível abstrair as condições de tempo e lugar dos fatos históricos. Isso é uma verdade elementar, tanto no que se refere aos fatos polí-

ticos quanto aos literários. E não seria possível admitir excluir da consideração historiográfica." (6)

Ora, eis aí uma regra elementar, na interpretação dos fatos históricos, muito esquecida nos dias que correm.

O historiador, ao observar um assunto, deve se integrar, o mais possível, no tempo em que ele ocorreu. Foi isso o que fez Augustin Thierry (1795-1856), no seu livro *Narrações dos tempos merovingios,* em que na opinião dos melhores críticos, chegou a reconstituir com tal exatidão os tempos passados, que se tem a impressão de que os estamos vivendo. Tal foi a reconstituição de uma época, de uma cultura e de uma civilização, já desaparecidas, para sempre, na voragem do tempo.

A mesma impressão nos acompanha quando deletreamos o célebre romance de Henry Sienkievicz, *Quo Vadis?*, hábil reconstituição da vida romana no tempo do imperador Nero.

Outros exemplos podemos assinalar em *Os Últimos dias de Pompéia* de Lord Lytton e *Salambô,* do famoso escritor Flaubert, que nos fez rever a vida da antiga Cartago. O mesmo se poderá dizer dos romances históricos de Walter Scott.

Não obstante tantos exemplos, hoje há muita gente que procura analisar os fatos passados com a mentalidade de nossos dias.

Ainda há pouco, em um trabalho sobre a evolução de certa cidade do interior do Ceará, um eminente escritor tentou julgar os prefeitos e intendentes dos tempos do império e dos começos da república, com a nossa mentalidade. Censura-os acremente por não apresentarem planos de governo, como, neste momento, se deve fazer.

Ora, é óbvio que a Ciência da Administração só veio ingressar, em uma fase científica, após a eclosão da 1ª Guerra Mundial. Portanto, todo o passado anterior a tal fato tinha, necessariamente, fatalmente, que ocorrer em uma fase de acentuado empirismo. O que, absolutamente, não invalida a tese de que houvesse, naquele tempo, administradores melhores ou piores. Mas, cumpre reconhecer, a bem da verdade, que os tempos eram outros, outros os problemas, as aspirações, a formação cultural, a educação, antes que a 1ª Guerra Mundial fizesse ruir todo o mundo antigo. Sem, entretanto, ter elaborado outro, que viesse substituir o anterior.

Outro erro, talvez não menos grave que desconhecer o valor do tempo, é o domínio abusivo de paixões e preconceitos. Que o grande sociólogo Amaral Fontoura reputava, com razão, como um dos maiores obstáculos ao progresso geral.

Devemos ser honestos com os adversários ocasionais de nossas idéias. Temos que aprender a saber discordar, nada se afirmando ou negando, sem qualquer prova boa ou má. E isso, infelizmente, é o que pouco se faz. É mesmo comum se atribuir a certas pessoas pensamentos, idéias e juízos que nunca tiveram, constituindo, tal fato, a meu ver, grosseira e imperdoável deturpação.

Mas, já disse um célebre diplomata que se lhe dessem três ou quatro palavras, ditas ou escritas por alguém, ele se encarregaria de enviá-lo à forca...

Repito, então, até com ênfase, que nada se deve afirmar ou negar a respeito de alguém, sem a apresentação de qualquer prova boa ou má. Tal método tudo permite, com pouco ou nenhum esforço.

IV — *Conclusão*

A História sempre exigiu muitos estudos, análises e pesquisas.

Nunca devemos presumir que podemos esgotar todos os assuntos, que chegamos ao ápice da perfeição, que já sabemos demais. Que não se precisa mais de pesquisas e de indagações a respeito de fatos, pessoas ou instituições.

Precisamos ter cultura científica e desenvolver o gosto de buscas e indagações, que, tantas vezes, corrigem erros, preconceitos e falsas apreciações.

Para mim é incontroverso que a superioridade de Euclides da Cunha sobre tantos escritores e historiadores do seu tempo decorreu de dois fatos primordiais. Primeiro, sua cultura científica e o conhecimento que teve do Brasil real, assistindo ao cerco de Canudos e perlustrando, depois, a região amazônica. O que não significa que Euclides não tenha cometido erros graves. Entendeu muito mal a Guerra do Paraguai e era estreitamente racista. Emitiu opiniões que poderiam ser subscritas, jubilosamente, pelo próprio Hitler, quando afirma, logo no prefácio de sua obra imortal *Os Sertões*, que as raças fracas seriam, inevitavelmente, esmagadas pelas raças fortes. E chegou mesmo a vislumbrar pruridos racistas na própria Confederação do Equador, sem que, até hoje, seja possível se descobrir em que se apoiou o inesquecível escritor para formular tão estupenda afirmativa...

Já dizia o grande publicista Carlos de Laet — : "Honrar o passado é preparar o futuro." (7)

É isso o que fazemos aqui, nessa convivência salutar e fraternal, trocando idéias e opiniões e sempre pugnando pelo engrandecimento do Ceará e do Brasil. E sempre tendo em vista nunca se desmerecer o elevado conceito em que nos tinha o saudoso conterrâneo Álvaro Costa quando afirmou — : "O Instituto do Ceará é o mais elevado tribunal de cultura e de moralidade em nosso Estado."

ÍNDICE DE CITAÇÕES

1 — BASBAUM, Leôncio — *História Sincera da República. Das Origens a 1889*, 5.ª edição, Editora Alfa-Omega, S. Paulo, 1986, Introdução, pág. 15.

2 — BASBAUM, Leôncio — Obra citada, pág. 16.

3 — MORAIS FILHO, Evaristo de — O pensamento político de Sílvio Romero in *Realidades e Ilusões no Brasil*, de Sílvio Romero, Petrópolis, Editora Vozes Limitada em convênio com o Governo do Estado de Sergipe, 1979, pág. 53.

4 — MORAIS FILHO, Evaristo de — Obra citada, pág. 33.

5 — *Obra crítica de Araripe Júnior*, Volume II, 1888-1894. Ministério da Educação e Cultura. Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1960, Cap. Gregório de Matos, pág. 434.

6 — COUTINHO, Afrânio — *A Literatura no Brasil*. Volume I, *Preliminares e Generalidades*, 3.ª edição, revista e atualizada. José Olímpio Editora, em co-edição com a Universidade Federal Fluminense. UFF (EDUFF), Rio de Janeiro e Niterói, 1986, Prefácio da 2.ª edição, 1968, pág. 68.

7 — *Obras Seletas de Carlos de Laet, I — Crônicas*. Agir Pré-Memória. Instituto Nacional do Livro, Fundação Casa de Rui Barbosa, Livraria Agir Editora, 1983, pág. 62.